ISSN: 2358-8829

AINDA TENHO MEDO DE SER O PROFESSOR GAY DA ESCOLA”: OFICINAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DE LICENCIANDOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA

Douglas Vinícius de Oliveira Santos [1]

INTRODUÇÃO

A formação inicial nas licenciaturas tem sido um espaço de contestação tanto na dimensão curricular quanto nos eixos de pesquisa e extensão por professores e professoras em formação. Ainda que as expressões de gênero e de sexualidade sejam objetos de discussão no âmbito de alguns componentes curriculares dos cursos de História e de Pedagogia, nos Departamentos de Educação – DEDC, Campus XI e XIV, da Universidade do Estado da Bahia, localizados nas cidades de Serrinha e Conceição do Coité, respectivamente, no Território do Sisal, interior do estado da Bahia, grande parte dos projetos e ações extensionistas são de iniciativa de licenciandos e licenciandas. A premissa aqui estabelecida parte da necessidade de compreender as expressões de gênero e de sexualidade como elementos constitutivos do saber-fazer docente na perspectiva da consolidação do repertório pedagógico na formação inicial e exercício profissional bem como possibilitar o enfrentamento de contextos de discriminação valorização a diversidade na escola.

Nesse sentido, noto que as oficinas pedagógicas nesta temática têm despertado o interesse de diversos estudantes, principalmente, diante da ausência de apropriação desta ferramenta sob a perspectiva institucional. O objetivo deste trabalho é analisar os resultados da Oficina Pedagógica intitulada *As Lutas e Vivências Homossexuais em Rede: uma história de um povo subalternizado.* Para tanto, têm-se como objetivos específicos: a) analisar quais entraves das vivências dos licenciandos LGBTQIA+ do Campus XIV e XI da UNEB; b) compreender de que forma as oficinas pedagógicas de gênero e sexualidade podem contribuir para construção de redes de solidariedade entre professores e professoras em formação; e, c) analisar, sob a perspectiva do gênero e da sexualidade, os possíveis desafios de licenciandos e

[1] Licenciando do Curso de História pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – BA e Mestrando em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – e-mail: douglasvacademico@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

licenciandas LGBTQIA+ do Campus XIV e XI da UNEB na formação inicial e no exercício profissional.

Vale ressaltar que a vivência formativa foi desenvolvida no âmbito do projeto de natureza extensionista para o componente de Estágio Supervisionado em História II e contou com a participação de vinte e três estudantes[2], tanto do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Campus XI, localizado na cidade de Serrinha, quanto de estudantes da Licenciatura em História, do campus XIV, situado em Conceição do Coité, ambos da UNEB[3].

Considero relevante e urgente ampliar os espaços de formação, diálogo e reflexão crítica sobre os aspectos históricos e culturais que envolvem a construção das identidades heterodissidentes, principalmente, diante do avanço do discurso conservador nas instituições políticas e sociais do Território do Sisal. Em se tratando da formação inicial, as oficinas pedagógicas consistem em campos de experimentação aptas a estimular o desenvolvimento de habilidades necessárias para o exercício da docência.

A atividade aqui sob análise reafirma a preocupação no sentido de que a Universidade pública deve ter o compromisso de desenvolver outros mecanismos para a formação crítica de professoras e professores em formação. Assumindo o pressuposto ético de que as dimensões subjetivas devem compor os saberes e práticas docentes, reverberando, portanto, nas dimensões curriculares da licenciatura, afirma-se que a diversidade dever ser valorizada a partir das perspectivas institucionais, para além da liberalidade ou iniciativas dos seus estudantes.

Para a experiência formativa foi adotada uma abordagem metodológica participativa durante cinco dias através de rodas de conversa, cinedebate, aula expositiva-dialogada, produções artísticas e literárias e mostra cultural. As análises foram feitas a partir das avaliações dos/das participantes através de formulários específicos que foram, por sua vez, discutidos qualitativamente.

Os achados indicam a família e o discurso religioso como principais entraves aos processos de construção das identidades docentes não-heterossexuais. Na formação inicial, foram apontadas a ausência de discussões de gênero e sexualidade como elemento do saber docente. Em exercício profissional, a sexualidade figurou como elemento que gera insegurança

[2] Vale ressaltar que houve a participação de três estudantes do Curso de Comunicação com Habilitação em Rádio e TV, em grau de bacharelado. Mesmo garantindo a participação de pessoas interessadas que fossem dissidentes em gênero e sexualidade, as análises dos resultados da oficina analisada neste trabalho ficaram restritas àqueles participantes que já são professores e professoras ou que têm a docência como exercício profissional futuro.

[3] A organização administrativa da UNEB se dá na modalidade de multicampia. Sendo a maior universidade da América Latina sob a proposta multicampi, possui 27 campis, um na capital e 26 no interior, uma das finalidades é interiorizar o ensino superior *campus* universitários em todos os territórios de identidade do estado da Bahia.

ISSN: 2358-8829

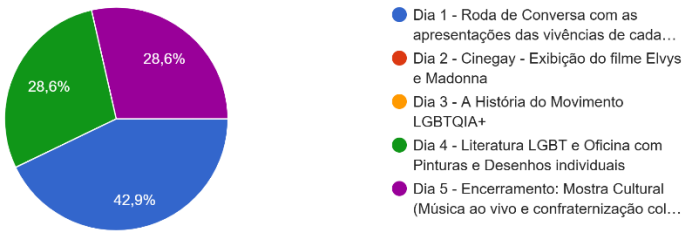
de empregabilidade diante da (im)possibilidade de ser o que se é na escola e na repercussão com os pais ou comunidade escolar.

As professoralidades heterodissidentes ainda são lidas socialmente sob a ótica de um modelo desviante, surgindo a necessidade de reconhecer a sexualidade como princípio da consolidação da segurança pedagógica e, portanto, produtora de conhecimento na formação docente. As atividades desenvolvidas forneceram processos de (re)elaboração de escritas e sentidos de si e, também, demarcaram uma subjetividade compartilhada em rede. A oficina analisada evidenciou o potencial estratégico na formação docente para compreender os desafios individuais e os do magistério na consolidação do trabalho colaborativo na formação de professores.

METODOLOGIA

A oficina foi realizada entre os meses de maio e junho de 2026. Contando com cinco encontros norteados através de uma metodologia participativa a fim de melhor acolher eventuais interessados e interessadas, a proposta partiu da preocupação dos elementos subjetivos da docência e seus impactos no exercício profissional. Dessa forma, foram utilizadas rodas de conversa, cine debate, aula expositiva-dialogada, produções artísticas e literárias e mostra cultural.

Figura 1 – Organização da programação da oficina e avaliação das atividades desenvolvidas.



Fonte: o autor, 2026.

Em se tratando de um trabalho que tem a intencionalidade de cartografar as experiências de licenciandos e licenciandas LGBTQIA+, escolho as dimensões éticas e metodológicas presentes em a Bicha do Bem, uma vez que as práticas relacionais conquistadas no decorrer da vida cotidiana, seja ela de natureza acadêmica ou não, se sobrepõem àquilo que, comumente,

ISSN: 2358-8829

os manuais de metodologia não são capazes regular por contextos de antecipação (Thiago Ranniery Moreira de Oliveira[4], 2016).

Os resultados da proposta pedagógica foram analisados através de formulário específicos online enviados para todas as pessoas inscritas. Os dados pessoais sensíveis foram coletados sob a anuência de tratamento em conjunto destes sem acarretar a individualização ou permitir a identificação de cada participante. A abordagem adotada teve predominância qualitativa, tendo suporte em dados numéricos para avaliação do mencionado instrumento de pesquisa. Este, por sua vez, foi categorizado, norteando os procedimentos de análise em duas etapas, sendo uma de natureza objetiva e outra subjetiva. No que se refere à primeira, foram estabelecidas variáveis de um a cinco relacionadas à qualidade da oficina, relevância, organização dos encontros e programação das atividades. Esta etapa permitiu avaliar as experiências dos participantes diante do caráter exploratório da investigação.

No que diz respeito ao formato de avaliação de natureza subjetiva, buscou-se analisar os principais desafios da vivência LGBTQIA+ - nas dimensões familiar, afetiva e profissional -, os entraves à percepção de aceitação social no Território do Sisal, bem como, os desafios na formação docente e/ou exercício profissional enquanto professores e professoras heterodissidentes, principal objetivo proposto da atividade desenvolvida. Esta fase foi analisada com base nas técnicas de análise de conteúdo, de Bardin (2009), e na de análise de discurso propostas por Orlandi (s.d). Desse modo, as respostas foram selecionadas pelo grau de impacto para a proposta apresentada, sendo priorizadas aquelas oriundas de licenciandos em formação, obviamente.

As categorias analíticas foram construídas e interpretadas conjuntamente com o objetivo da pesquisa. Dessa maneira, foram elencados eixos iniciais, sendo analisados tanto o acolhimento, noções de pertencimento e construção de redes de apoio como a formação inicial docente, a diversidade de sexual e de gênero e os respectivos desafios na atuação profissional para professores e professoras LGBTQIA+. O formato destas variáveis permitiu compreender os principais indícios e significados atribuídos às experiências vivenciadas. Assim, a interpretação dos resultados foi norteada pela construção da explicação através das duas etapas descritas anteriormente, sendo mantida a não identificação da avaliação de cada participante e a autorização do uso da imagem no tratamento dos dados pessoais sensíveis.

[4] Me filio ao pacto acadêmico de grafar prenome e sobrenome por completo de intelectuais pertencentes a grupos historicamente vulnerabilizados. Assim, eventuais citações de autores e autoras mulheres, negros e negras, rurais, dissidentes de gênero e sexualidade, por exemplo, estarão com as normas técnicas modificadas, mantendo-se, contudo, os elementos necessários de identificação das obras na tentativa de difusão do conhecimento científico.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Andresa Ribeiro (2019, p. 113), o trabalho docente é "carregado de sentidos e significados, que são estabelecidos por meio de percepções e experiências na relação que estabelecem com outros professores, com os alunos e ainda com outros indivíduos sociais". Dessa forma, é da própria natureza do exercício profissional no magistério o contato com o outro, assim como é dele o forjar a identidades profissional.

Para pessoas LGBTQIA+ docência é compreendida, em alguns aspectos, como um campo de jogos identitários no qual normas de gênero e sexualidade aparecem à tona. Não diferentemente do espaço extraescolar, os professores e professoras não heterossexuais do Território do Sisal encontram silenciamentos, resistências e processos de deslegitimação simbólica e material em virtude da presença dos valores conservadores na educação associada à presença de estruturas políticas patriarcais e machistas que ainda operam na região sob a nova roupagem do voto de cabresto e do neocoronelismo (Louro, 1997).

É possível mensurar que a construção da professoralidade, dos seus modos de ser-pensar-fazer enquanto professor ou professora é atravessado pelo conceito de professor heterodissidente.

> [...] a ideia de conceito de professoralidades heterodissidentes tem como base principal a experiência de ser e de viver sendo o que é e tendo a capacidade crítica-reflexiva de perceber os conhecimentos, produzir saberes e desenvolver práticas pedagógicas. Talvez esse último elemento característico, a produção de práticas pedagógicas de resistência seja o que mais diferencia da professoralidade conceituada por Pereira (2016), porque o enfrentamento, resistência, a luta pela liberdade e dignidade de ser é uma característica necessária para que nós, professores/as heterodissidentes, continuem/os sendo o que somos (MANOEL LUIZ SANTOS DA SILVA, p. 100, 2024).

Contudo, ainda que se tenha a possibilidade de perceber a si, notar os enviesamentos do corpo heterodissidente à sua volta e desenvolver estratégias pedagógicas, a dimensão material deste modo de ser, de pensar e de agir está diretamente condicionada ao local onde se vive. Embora o território nos forneça a sensação de que, na maioria das vezes, os corpos LGBTQIA+ não lhe pertença, *a contrário sensu*, surge o desejo manifesto de pertencimento.

Enquanto construto político e simbólico, o modo de viver e sentir-se territorializado é marcado pelas representações de poder, mas, principalmente, pela forma como este é distribuído e utilizado. Nesse contexto, professores e professoras LGBTQIA+ do sertão nordestino necessitam ser vistos sobre a ótica da interseccionalidade para compreensão das suas

ISSN: 2358-8829

experiências como forma de produção de conhecimento. Não se trata apenas perceber, de forma analítica as justaposições das violências que tais corpos sofrem, mas que seja o ponto de partida para buscar mecanismos materiais de transformação da realidade encontrada (Patricia Collins e Sirma Birge, 2021).

Nesta relação, a maneira como os professores exercem sua prática educativa e constroem seu pertencimento no espaço escolar está diretamente relacionado por questões outras, como por exemplo, aquilo que estes sentem.

> Entrando na classe determinados a apagar o corpo e nos entregar à mente de modo mais pleno, mostramos por meio do nosso ser o quanto aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula. A repressão e a negação nos possibilitam esquecer e, depois, buscar desesperadamente nos recuperar, recuperar nossos sentimentos e paixões, em algum lugar isolado - depois da aula (HOOKS, p. 254, 2013).

Percebo, portanto, que é a conjunção do corpo, dos seus desejos e da mente – geralmente, *locus* no qual se concentra as habilidades técnicas de ser docente -, que é possível estar por inteiro em qualquer lugar, inclusive, na sala de aula. Assim, o corpo, seus desejos e o que se sente devem subsidiar estratégias para que professores e professoras LGBTQIA+ reconheçam contextos de violências semelhantes por eles vivenciadas no ambiente escolar para que sejam agentes contra outras manifestações de preconceito e violência que a escola (re)produz.

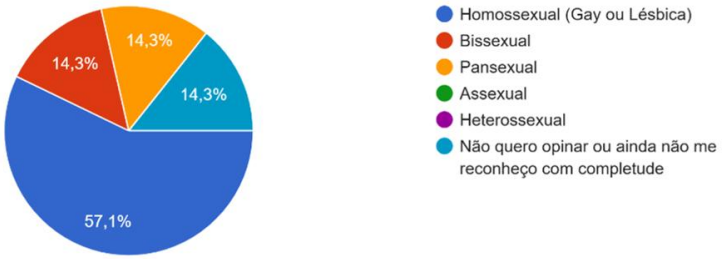
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 2 – Participantes e cartaz de divulgação da oficina pedagógica.



Fonte: o autor, 2026.

Figura 3 – Distribuição das orientações sexuais das pessoas inscritas[5].



Fonte: o autor, 2026.

Desde a avaliação do dia considerado com maior significado, conforme a Figura 1, pelos oficineiros um fator despertou a atenção. A roda de conversa foi assinalada pela maioria dos participantes, em sua maioria homossexuais – gays ou lésbicas. Vale ressaltar que a avaliação positiva da oficina não está relacionada apenas aos conteúdos abordados, mas por se configurar como um espaço possível de para exercício de uma existência com plenitude. Nesse viés, observo que o acolhimento, a sensação de não ser julgado diante da presença de semelhantes, despontou como uma importante dimensão da experiência formativa.

> Foi difícil escolher um dia só, eu realmente gostei da experiência de estar rodeado de pessoas que são parecidas comigo nesse contexto. Sem me sentir julgado por ser quem sou (Participante de n.º 2, 2026).

> Falar abertamente sobre quem eu sou é sempre muito libertador, e principalmente estando em conjunto com outras pessoas que também são iguais a mim. Foi um momento muito agradável e de criação de laços! (Participante de n.º 5).

Noto que a convivência e o sentimento de pertencimento com pessoas que compartilham experiências relacionadas à diversidade sexual e de gênero gera, obviamente, o conforto de não sofrer julgamentos, fortalecendo a autonomia durante a experiência formativa. A experiência dos participantes ainda é fortalecida não apenas pela possibilidade de si, mas, pela potencialidade de uma experiência marcada pela presença de outras pessoas em contextos semelhantes, traduzido pela referência apontada para “criação de laços” e construção de vínculos de identificação.

> A roda de conversa foi um dos dias melhores para mim, foi onde me senti vista e compreendida. Entre experiências vivenciadas de dores e silenciamentos, sentir o

[5] Por se tratar de dados pessoais sensíveis, os licenciandos e licenciandas assinalaram a autorização do uso da imagem e de dados sobre as identidades de gênero para fins de compartilhamento de avaliação e resultados da oficina.

ISSN: 2358-8829

> acolhimento. Acredito que trocas como essas deveriam ser mais comuns entre a comunidade dentro da Universidade (Participante de n.º 7, 2026).

Dessa forma, ser visto e compreendido extrapola a ideia de simples acolhimento. Além disso, quando é mencionado as noções de "dores e silenciamentos" é possível falar numa subjetividade compartilhada na qual um grupo social é atravessado por marcadores em comum, como a falta de expressão ou ausência de escuta neste caso. Por este caminho, entendo a necessidade de uma educação, tanto na Universidade quanto fora dela, pautada numa prática pedagógica engajada, na qual as pessoas envolvidas reconheçam suas experiências para a construção do conhecimento.

Os saberes profissionais de professores e professoras são plurais, uma vez que trazem, no próprio exercício do trabalho diferentes fontes de conhecimento. Neste conjunto, dentre outras classificações, se relacionam aqueles adquiridos do ponto de vista da formação que se perfazem um saber pedagógico ou, ainda, aqueles que nascem das experimentações que o trabalho proporciona no cotidiano (Tardif, 2007, p. 63).

Ainda que diversas outras categorias de saberes possam ser encontradas, aponto para uma factualidade na formação de professores de História, pois, em que pese haja discussões sobre gênero e sexualidade nos eixos de matriz teórica do referido curso, tais expressões não são apropriadas no eixo conhecimentos pedagógicos (UNEB, 2019), reverberando na construção das identidades profissionais.

> A oficina contribuiu como ferramenta essencial para entender meus futuros alunos, conseguir apoiá-los e respeitá-los. Mas, ainda tenho medo de ser o professor gay da escola. (Participante de n.º 8).

> A apresentação de mais corpos LGBTQIA+ na mídia intelectual, que facilita a criação de um currículo menos patriarcal e cisnormativo (Participante de n.º 16).

A perspectiva de uma formação crítica exige que professores e professoras mantenham-se atentos aos conteúdos que estudam, bem como sobre as condições complexas da sua atuação profissional. Através do enunciado da fala acima, consigo perceber como o gênero e a sexualidade alcançam a dimensão ética da prática pedagógica e da formação docente.

Inflexiono, dessa maneira, acerca da importância da construção de uma prática pedagógica baseada no respeito às diferenças e a valorização de repertórios culturais e intelectuais que estão presentes no currículo formal, sendo, ambos, de relevo para a formação docente. É, nesse contexto, pertinente pautar o reconhecimento de si enquanto elemento da diversidade, na própria Universidade, para que seja possível concretizar o poder-fazer no

ISSN: 2358-8829

exercício profissional do magistério relativo ao enfrentamento das discriminações vivenciadas no contexto escolar.

> Sou estudante de Licenciatura em Pedagogia, e como uma mulher lésbica foi muito importante participar da oficina. Enquanto a extensão da Universidade sentia insegurança em ir para a prática docente, a oficina proporcionou acredito que conhecimento sobre determinados temas que desconhecia (Participante de n.º 21).
>
> [...] muitas das vezes esses profissionais são colocados como não adequados pra ocupar aquele espaço (Participante de n.º 11).
>
> [...] principalmente como os pais se comportaram diante o professor ao descobrir a sua sexualidade, e como isso influencia na relação de aluno e professor (Participante de n.º 18).

Embora seja imperioso afirmar, a ideia trazida pela expressão "não adequados para ocupar aquele espaço" simboliza o questionamento da legitimidade para o magistério do professor heterodissidente. Assim, não requer esforço para inferir que as expectativas sociais desaguam em critérios informais de reconhecimento e prestígio profissional que não estão, necessariamente, vinculados à competência técnico-pedagógica, revelando que as normas de gênero e sexualidade regulam condições de reconhecimento social (Butler, 2017).

> Eu acho que um dos maiores desafios é o medo de ser quem é. Seja pelo medo de não conseguir o emprego ou do julgamento (Participante de n.º 13).
> Ser uma pessoa LGBTQIAPN+ por si só é um desafio. Em meu caso ser uma futura pedagoga e trabalhar com a educação infantil muitas das vezes me deixa apavorada, mas não pelas crianças, e sim por ter esse contato direto com a família. (Participante de n.º 4).

A trajetória formativa destes participantes é atravessada pela insegurança do contato com adultos responsáveis pelos estudantes o que, por sua vez, está relacionado a um comportamento de antecipação de julgamentos e conflitos relacionados à sua identidade. Tem-se um marcador relevante, aquele que de que as relações sociais podem modificar tanto a percepção de si por motivos de discriminação com reflexos na prática docente como a questionar o sentido do magistério e as escolhas profissionais adotadas ao longo das trajetórias de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos numéricos, cem por cento dos participantes apontou que a Oficina foi realizada através de uma metodologia clara e acolhedora, bem como, recomendaria para outros professores e professoras em formação. Para tanto, de forma unânime, foi atribuído à UNEB a

ISSN: 2358-8829

incumbência de que experiências formativas semelhantes se ocorram sob a perspectiva institucional e não por liberalidade dos discentes.

Desse modo, mais de oitenta por cento assinalaram que os conteúdos tratados foram relevantes para a prática docente, para compreensão da diversidade da escola e para o combate à discriminação dos seus futuros – ou atuais -, alunos e alunas. Além disso, mesmo não tendo sido objeto de análise de forma explícita, setenta e cinco por cento assinalaram que aprenderam conceitos novos do ponto de vista historiográfico acerca dos processos de construção da memória coletiva dos dissidentes em sexualidade e de gênero no Brasil. Entretanto, metade de todos os participantes pontuaram que a oficina ocorreu em tempo insuficiente para tratamento das principais pautas abordadas.

Os resultados das avaliações indicam desafios de ordem subjetiva relativos à aceitação de si como parte da diferença e coragem para enfrentar os obstáculos na seara individual, seja por medo de discriminação ou insegurança, com possíveis reflexos para o exercício profissional. Em se tratando de estudantes em faixa etária de convívio como o seio familiar, esta se apresentou como uma das principais instituições a impor entraves ao reconhecimento da liberdade individual e, consequentemente, dos processos de construção das identidades docentes não-heterossexuais.

Ainda, destacou-se a incidência do conservadorismo religioso enviesado nas estruturas políticas e sociais no Território do Sisal que, por sua vez, reverberam nas percepções de si dos professores em formação. O modelo de configuração familiar heteronormativo ainda continua sendo a expectativa dos pais no sentido de que filhos e filhas o reproduzam, gerando, consequentemente, ansiedade e medo diante do cenário em ser reconhecido como a norma desviante.

As professoralidades heterodissidentes ainda são lidas socialmente sob a ótica de um modelo que fere a norma hetero dominante. Inúmeros relatos dos participantes convergiram para a noção de que gays e lésbicas são vistos como não adequados para ocupar o espaço escolar. Por esse motivo, compartilham sentimento de insegurança acerca da aceitabilidade social que se desloca da vida pessoal e familiar e adentra à vida do magistério, afetando fatores de empregabilidade. Assim, surge a necessidade de reconhecer a sexualidade como princípio da consolidação da segurança pedagógica e, portanto, produtora de conhecimento para a formação docente.

As atividades forneceram processos de (re)elaboração de escritas e sentidos de si e, também, de uma subjetividade compartilhada. A oficina pedagógica evidenciou o potencial estratégico na formação docente para compreender os desafios individuais, os da docência, bem

ISSN: 2358-8829

como, percepção dos conhecimentos considerados urgentes para consolidação do trabalho colaborativo na formação de professores heterodissidentes em ambiente de crescimento do conservadorismo.

Além disso, há que se mencionar, também, as contribuições da oficina para aquele que a executou. Enquanto licenciando, foi possível a exploração de materiais alternativos e mais dinâmicos do que aqueles em que a mola esmagadora do cotidiano não permite a apropriação em sala de aula. Ressalto as demais habilidades que precisaram ser desenvolvidas para lidar com os aspectos socioemocionais decorrentes das reflexões propostas. De igual maneira, é preciso reconhecer proporcionalmente as complexidades encontradas na condução das inovações metodológicas realizadas, pois, a apropriação de recursos e linguagens multimodais demandou um maior controle quanto ao planejamento.

Acredito que a oficina permitiu o diálogo na formação inicial, através da ação extensionista, na problematização de dificuldades vivenciadas por professores LGBTQIA+ em formação. Se distanciando um pouco dos objetivos da oficina, considero imensuráveis os reconhecimentos das múltiplas experiências compartilhadas como se pudessem existir versões de um no outro em todos os participantes o que, por sua vez, realinha a ideia de pertencimento no contexto que se vivencia atualmente no Território do Sisal.

Não se pretende aqui afirmar que a satisfação encontrada nas avaliações significa a concretude da aprendizagem ou a manutenção de novas redes de apoio, mas, tendem a perceber como a experiência formativa vivenciada foi importante para valorização das expressões de gênero e sexualidade tanto na Universidade quanto na prática pedagógica de professores e professoras em formação, devendo ser incorporada na dimensão curricular formal possibilitando o desenvolvimento de outras ações extensionistas articuladas com a experiência, o ensino e a pesquisa.

Palavras-chave: Oficinas Pedagógicas, Gênero e Sexualidade, Professores LGBTQIA+, Formação Inicial e Formação Docente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução: Luís Antero Reto. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. Disponível em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso: 25 ago. 2025.

COLLINS, P. H; BILGE, S. **Interseccionalidade.** (e-book). Tradução: Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/843831/mod_resource/content/3/Patricia%20Hill%20Collins%20-%20Interseccionalidade%20(oficial).pdf. Acesso: 8 jul. 2026.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF, 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf. Acesso em: 06 ago. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf. Acesso em: 23 ago. 2026.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery M. Sobre a Bicha do Bem: queerizar a ética da pesquisa em educação. **Revista Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1229-1250, out./dez. 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/2175-623653233. Acesso: 29 set. 2026.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Sl: Pontes, Sd. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/ORLANDI-Eni-P-Analise-Do-Discurso-Principios-e-Procedimentos.pdf. Acesso em: 05 set. 2026.

RIBEIRO, Andresa D. Silva. **Sentido e significado de Felicidade no trabalho para professores de uma Instituição de Ensino Privada e sem fins lucrativos.** 2019. Tese. (Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214774/PPSI0854-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y. Acesso em: 15 abr. 2025.

SILVA, Manoel L. S. **Professoralidades Heterodissidentes:** uma prática pedagógica de resistência e enfrentamento ao preconceito na escola. 2024. Dissertação. (Pós-graduação em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2024. Disponível em: https://saberaberto.uneb.br/server/api/core/bitstreams/f1fa079e-aab7-4c0b-ac70-bd094f391404/content. Acesso: 2 out. 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Departamento de Educação – *Campus* XIV. Colegiado do Curso de História. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em História para Fins de Redimensionamento.** Conceição do Coité, BA. UNEB, 2019. Disponível em: https://dedc.conceicaodocoite.uneb.br/wp-content/uploads/2025/10/PPC-do-curso-de-Historia-publicado-D.O-2-1.pdf. Acesso: 9 jun. 2026.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.